

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

**RODAS EDUCATIVAS: PROBLEMATIZANDO AS VIVÊNCIAS EDUCACIONAIS
A PARTIR DO DIÁLOGO COM POVOS DE TERREIRO**

Carlos André Silva do Vale¹⁰⁶

Moema Alves Macedo¹⁰⁷

A proposta dialógica disseminada pela educação libertária é fundamental para entendermos os modos de ser do sujeito dentro do seu território existencial. A partir do projeto de extensão Encontros e Encantos: Educação Popular com Povos de Terreiros em Juazeiro do Norte, organizado pela Comissão de Pesquisa e Extensão da Faculdade Leão Sampaio percebemos que através das rodas de conversas os sujeitos têm a possibilidade de expor suas demandas psicossociais, e coletivamente buscarem o empoderamento individual e grupal. Nas primeiras rodas com os povos de terreiros, apareceram demandas tais como: intolerância religiosa, preconceito e bullying. Com base nos registros etnográficos nos diários de campo as falas dos participantes direcionavam para um discurso social pautado na denegação das tradições de matrizes africanas, fundamentalmente dentro dos espaços educativos formais, nos quais se manifestavam por proibições do uso de símbolos que professam a sua fé. Sendo paradoxal a permissividade de eventos pautados em um fundamentalismo cristão. Tendo em vista o poder exercido pelos espaços educacionais formais, tornar-se pertinente o estreitamento afetivo entre tais instituições e os terreiros, baseando-se na transformação mútua, em prol de uma educação libertária e para a paz.

Palavras-chaves: Rodas de conversas; povos de terreiros; denegação.

INTRODUÇÃO

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (MEDRADO & SPINK, 2013, p.22)¹⁰⁸.

¹⁰⁶ Graduando do curso de psicologia no Centro Universitário Leão Sampaio (Unileão). E-mail: carlosdovale7@gmail.com. Bolsista no projeto de extensão da Unileão de Educação Popular e Ações Afirmativas com Povos de Terreiro.

¹⁰⁷ Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Leão Sampaio (Unileão) Mestranda em Educação e Saúde pela Universidade Federal de Alagoas. Coordenadora do projeto de Educação Popular e Ações Afirmativas com Povos de Terreiros.

¹⁰⁸ SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane. **Produção de sentidos no cotidiano**: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2013.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

As relações firmadas entre os seres humanos contribuem para a que esse possa desenvolver suas potencialidades, tornando-o participe na construção e desconstrução dos vínculos simbólicos/reais em um processo de interação em sociedade.

Instigados pela epigrafe acima, explanamos que essa interação humana vai para além de uma relação socializante, nossas relações são transformadoras. Atribuímos sentidos nas relações coletivas, expressamos singulamente afetos, desejos e sentimentos. Dentro desse construto social, advindo das relações, nos localizamos para além do ser biologicamente apresentado, nos posicionamos frente a um arcabouço cultural, penetrando-o e com isso re-transformando-o e sendo re-transformado.

Para essa ação cultural se firmar é necessário haver agentes, agentes da linguagem, pois a linguagem como um sistema ativo, tem um caráter atemporal, transformador e dialético. É atribuído aos seres humanos esse poder da linguagem, o que nos permite adentrar no universo da cultura.

Uma das formas de expressar nossa linguagem é através dos diálogos, e mediante esses, expressarmos o que se passa nas entranhas da nossa existência. Essa instrumentalização da linguagem nos direciona a pensar e agir ativamente dentro dos múltiplos contextos sócios-culturais que estamos enlaçados. Esse laço dialógico só existirá quando houver um outro, que garanta nossa sustentação no nó das experiências na vida em um sistema linguageiro, e ressoe na mesma direção, contraria ou indiferente as nossas demandas de afeto, em um círculo indeterminado das/nas relações, assim como intermitente.

Então, o diálogo é um fenômeno concomitantemente que ocorre do que está dentro do sujeito(suas experiências singulares) para o que está fora dele(suas experiências em coletividade) sem distinção. Dialogar é expor para outras pessoas elementos que estão postos previamente: cultura, classe econômica, religião, escolaridade, como também: medos, frustrações, afetos e desejos.

A escrita desse trabalho propõe discutir como a metodologia das rodas de conversa possibilita o estreitamento das relações afetivas entre os povos de terreiro, facilitando a expressão dos seus sentimentos e emoções, além de compreender, através do diálogo, como questões raciais, intolerância religiosa, bullying escolar são percebidas dentro do terreiro. Isso se dará mediante o relato de experiência no Projeto de Educação Popular em Ações Afirmativas: Encontros e Encantos: Educação Popular em Saúde com o Povo de Terreiro em Juazeiro do Norte – CE, no Cariri cearense, com filhos e filhas de pais e mães de Santo dos terreiros de Candomblé dos bairros: Pedrinhas e João Cabral.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

ENCONTRO MARCADO NAS RODAS DO ENCANTO:

As pessoas estabelecem o sentido para as suas produções a partir do encontro com o outro, firmando dessa forma um ponto temporal e espacial para a sua existência. A concretude das ações humanas é dada pelo outro ser humano, construindo uma relação transformacional das próprias práxis coletivas.

Nos encontros realizados mensalmente como os povos de terreiros vinculados ao projeto, busca-se trabalhar através das rodas de conversas estratégias que girem em torno da Educação Popular e Saúde, tais como a promoção de meios que facilitem a autogestão da comunidade dentro dos muros e fora dos muros do terreiro, a capacidade de agir e refletir sobre a realidade na qual faz parte, bem como gerenciar ações que diminuam o impacto das suas ações contra o meio ambiente.

Através dos módulos construídos por uma junta de professores, pesquisadores, e membros de terreiros, o projeto está em execução com duração de 1 ano, podendo ser prorrogado. Os encontros são realizados de acordo com a disponibilidade de cada terreiro de Candomblé.

Os objetivos do projeto são promover o protagonismo dos povos de terreiros dentro do município, discutir temas relacionados ao racismo nos diversos contextos: no trabalho, na escola, na comunidade, nos equipamentos de saúde, e acompanhar a atuação dos povos de terreiro dentro da comunidade onde se endereça, percebendo as suas interações como os eixos da saúde, educação, justiça e assistência social.

Para iniciarmos as atividades com os povos de terreiros foram elaborados panfletos eletrônico para a divulgação do local (terreiro) onde ocorrerá o encontro, a temática do encontro e o facilitador.

Esse relato de experiência parte do módulo de apresentação do projeto e o de História da Educação Brasileira, da Diáspora Africana e dos Povos Negros Escravizados para o Brasil, Exclusão, Inclusão e cultura do Negro. No primeiro momento em forma circular o povo de terreiro foi ouvido dentro do seu território sagrado, para traçarmos juntos um direcionamento realístico para o projeto.

Buscamos constituir vínculos afetivos com os membros que lá estavam para podermos nos disponibilizarmos a escuta com o propósito de entender as relações religiosas, sociais, familiares, educacionais construídas pelos povos de terreiros ao longo da história. Isso nos faz

**III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:
Igualdade racial no ambiente escolar**

10 a 13 de maio de 2016

lembrar das idéias de Medrado e Spink (2013)¹⁰⁹ quando falam que a dinâmica relacional é onde acontece a vida, dando-se através das construções e os modos de se vivê-la.

DIALOGANDO NAS RODAS EDUCATIVAS:

Um dos grandes nomes que defende o diálogo Paulo Freire (1976, p.42) menciona que “o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo”. São nos diálogos que promovemos encontros e desencontros dos nossos modos de se relacionar com mundo e com as outras pessoas. Na experiência as rodas de conversas tornaram-se essenciais para o cultivo da interação dialógica, pois as rodas representam “um espaço de escuta cuidadosa, que produzem o desenvolvimento de capacidade individual e coletiva” (COSTA et al, 2014, p. 32)¹¹⁰.

Através do diálogo escamoteamos e problematizamos nossas experiências subjetivas e interrelacionais, sabendo que a nossa realidade se “constitui a partir das condições materiais da existência e deve ser apreendida como um processo que se dá em cada momento histórico, sendo por isso complexa e dinâmica, contraditória e inacabada” (LOUREIRO; FRANCO, 2012, p.14)¹¹¹.

O diálogo é uma das ferramentas de acesso aos afetos, experiências e emoções dos sujeitos, sendo fundamental para compreendê-los nas suas relações sócias. Tendo o diálogo circular a afirmativa para as palavras de Paulo Freire, quando se refere à reflexão e ação que esse provoca, direcionando o ser humano nas suas práxis em seu ambiente, não sendo apenas uma troca de idéias, mais sim um ato de se transformar e poder transformar o outro.

¹⁰⁹ SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane. **Produção de sentidos no cotidiano**: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo. 2013

¹¹⁰ COSTA, Raphael Raniere de Oliveira et al. As rodas de conversas como espaço de cuidado e promoção da saúde mental. **Rev. Bras. Ciên. Saúde/Revista de Atenção à Saúde**, v. 13, n. 43, 2015

¹¹¹ LOUREIRO, Carlos Frederico B.; FRANCO, Jussara Botelho. Aspectos Teóricos e Metodológicos do Círculo de Cultura: Uma Possibilidade Pedagógica e Dialógica em Educação Ambiental. **Rev.: Ambiente & Educação**; v..17.2012.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

Nas perspectivas dialética e dialógica das relações, que as intervenções psicoeducativas vão provocando transformações no tecido social, e a partir das rodas de conversas há possibilidade de explorar aspectos da subjetividade humana, e fomentar uma autonomia e empoderamento individual e grupal.

Durante as rodas educativas com os povos de terreiro foi evidenciado através de relatos de indignação por espaços educativos formais reconhecidos no município de Juazeiro do Norte estarem tomando um posicionamento hostil contra filhos, filhas, pais e mães de santo. Foi exposto que as escolas como territórios produtores e transformadores de subjetividades, em muitos casos, estavam denegando a identidade religiosa dos alunos e professores membros de terreiros de Candomblé e Umbanda.

Para os agentes do diálogo a denegação das suas origens vinha pela proibição da escola no uso de adornos, o foco do ensino religioso pautado no fundamentalismo cristão, bem como, educadores que são estigmatizados por utilizarem vestis de acordo com as comemorações das suas entidades.

Ressaltamos que o posicionamento hostil de algumas escolas no Cariri cearense é divergente com a proposta da escola de abolir qualquer forma de violência que tramita no tecido social. Tendo em vista que a escola ganha destaque nos processos de ensino inter-religioso, sendo identificada por Becker (2008, p. 217)¹¹² como “protagonista na construção da paz”.

Então há um descompasso entre o que se espera na efetivação da Lei 10. 639 de 2013 e a 11.645/2008 na realidade vivenciada pelos alunos, o que reforça as palavras de Santos (2012, p.2)¹¹³

Desse modo, a tessitura de composição da nacionalidade brasileira tomou como referência os valores e padrões de comportamento da Europa ocidental, o que colocou em descrédito as referências socioculturais dos demais povos que formaram a sociedade brasileira, como é o caso dos negros e índios. Essa conjuntura delineou a construção de uma identidade nacional excludente e eurocêntrica.

¹¹² BECKER, Michel; Educação de valores no ensino inter-religioso: uma contribuição para a cultura de paz. In: MATOS, S.A.L.; NASCIMENTO, V.S ; JUNIOR, R. N (Orgs); **Cultura de paz: do conhecimento à sabedoria**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

¹¹³ SANTOS, Cícero Joaquim. Africanidades musealizadas : relato de uma experiência comunitária. Trabalho apresentado: VI Simpósio Nacional de História e Cultura, Escrita da História: Ver, Sentir-Narrar, na Universidade Federal do Piauí, Teresina- PI, 2012.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

Para tanto, há para além dessa denegação a falência dos instrumentos simbólicos responsáveis pelo processo de conscientização popular. Apesar da juridicação da aceitação das diversas identidades culturais com a Constituição de 1988 e a Lei 10.639/2003 e posteriormente a 11.645/2008, a percepção dos povos de terreiro se matem na marginalização do seu sagrado dentro dos espaços educativos formais, o que reforça o estigma que os territórios ocupados pelos negros são “desprivilegiados e pouco valorizado” (SANTOS, 2012, p. 3)

Na fala dos convidados estavam presentes sentimentos e emoções conflituosas acerca dos espaços educativos formais, pois a proibição da expressão da dimensão da sua fé estava sendo suprimida pela autorização desses espaços a outras atividades religiosas. Para exemplificar uma das participantes mencionou as datas que eram comemoradas dias de santos católicos, onde no mural da escola que ensina fica exposto qual santo é o aniversariante do dia. Quando solicitou para que pudesse expor os santos do Canbomblé que tinham festividades no mês, foi negado pela coordenação, com justificativa de se aceitar de uma religião terá que aceitar dos demais credos.

Outro momento de inquietação dos membros da roda é demonstrado quando alguns educadores fazem referência a figura do Pa. Cicero Romão Batista, personagem das tradições religiosas no município, onde algumas escolas estabelecem um cronograma de atividade para a celebração do dia da sua morte e do seu nascimento.

Dentro do diálogo nas rodas de conversa ficou perceptível a afetação do povo de terreiro quanto aos ensinamentos escolares que a denegam as tradições de matrizes africanas. Tal preocupação é pertinente pois existe nesses espaços o poder de atar o sujeito nas suas relações sociais e influenciá-lo na sua própria construção subjetiva (LEBRUN, 2008, p.182)¹¹⁴.

A unicidade na influência do pensamento religioso está imbricada na constituição dos dispositivos escolares. De tal forma que “esses conhecimentos antecedem a vivência da pessoa, mas se fazem nela presentes por meio de instituições, modelos, normas, convenções, enfim, da reprodução social” (MEDRADO & SPINK, 2013, p.32).

ATRAVESSAMENTOS DO TERREIRO PARA A ESCOLA DA ESCOLA PARA O TERREIRO

¹¹⁴ LEBRUN, Jean-Pierre. **A perversão comum**: viver juntos sem outro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

A discussão em torno da relação do terreiro como espaço da experiência com o sagrado, em muitas ocasiões, encontra-se distante da realidade pedagógica nos espaços educativos formais. Assim, foi problematizado pelos participantes da roda de conversa a aplicabilidade das leis: Lei 10.639/2003 e 11.645/2008, na qual legitima a presença do ensino da História da África e da cultura Afro-brasileira.

A percepção dos participantes é direcionada para além instrumentalização da lei, seus relatos expunham o descaso dos espaços educativos formais com a cultura do seu povo. O que nos remete a pensar nas palavras de Renato Ortiz “ É na trama da interação social que o teatro da memória coletiva é atualizado”(ORTIZ,1985, p.133). O que fica velado nos bastidores sociais, emerge em espaços dos quais facilitem a relação dialógica, nesse caso, através do projeto podemos perceber o que há de implícito nos discursos de racismo, intolerância religiosa, bullying escolar.

Por detrás dos discursos preconceituosos que acometem o povo de terreiro, há um apelo das instituições familiares, religiosas e sociais por modificações, não para elencar uma educação monocultural, mais transcultural e multicultural para que se busquem transformações éticas e políticas dentro dos territórios educativos, pois a “ negação da ancestralidade em sua plena dimensão humana é um elemento essencial no processo de desumanizar essa população” (NASCIMENTO, 2008)

Estabelecendo uma linha temporal desde 1980, conforme menciona Nascimento (2008, p.204) que há no tecido social brasileiro uma luta pela desconstrução dos discursos essencialistas pois para “ criticar o racismo de forma efetiva é preciso criticar seus alicerces na hegemonia do etnocentrismo ocidental e na história da dominação patriarcal e colonial dos povos negros”. De fato os posicionamentos naturalistas sustentam as ideologias e as relações de dominação e opressão.

E fazendo uma ressalta que tais ações hostis não se delimitam apenas em espaços educativos do ensino básico e médio, partem para as universidades. Conforme o diálogo circular nas rodas de conversas, participantes universitários expuseram o sofrimento advindo dos comentários racistas vivenciados dentro desses espaços.

Os espaços educativos formais recebem o poder dado pela sociedade para a formação de sujeitos de bom caráter, trabalhadores e obedientes as regras sociais, reafirmam anos de escravidão, de violência, de desumanização, ao invés de buscarem desconstruir saberes hegemônicos tendenciosos vindos em livros, filmes e brincadeiras.

**III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:
Igualdade racial no ambiente escolar**

10 a 13 de maio de 2016

As situações citadas acima durante a vivência no projeto de extensão esclarece as palavras de Sobrinho(2009, p.67) ¹¹⁵ acerca dos discursos racistas dentro dos espaços educativos: “grande parte da produção do conhecimento construído, passado e repassado, no processo de formação de todo brasileiro, desde sua entrada na escola até a universidade, ainda é hegemonicamente eurocêntrica “.

Portando a luta contra formas retóricas de colonialismo devem mobilizar a dimensão sócio-cultural que construiu sobre a africanidade: saberes e fazeres, bem como uma participação individualizada de combate a qualquer regime de opressão, buscando desconstruir conceitos que violem a dignidade humana (ORTIZ, 2012)¹¹⁶. O empenho deve perpassar o campo das individualidades, pois por mais que seja retificado em livros onde África é sinônimo de escravidão, e que o Brasil por ter sido colônia de exploração merece jazer na subserviência. Existem pessoas lutando para reinscrever nesse campo imaginário da memória brasileira que na cultura africana existem elementos específicos e de grande orgulho para o povo, como : danças, rituais, vestimenta, e credos.

Nos diálogos com os povos de terreiro percebemos que essa luta histórica presentifica-se a cada ato de violência que sofrem, ouvir, vê e sentir a denegação da sua cultura e experienciar o seu apagamento quanto sujeito social. Paulo Freire (2001, p.203)¹¹⁷ reflete sobre o uso das palavras no diálogo, que nos direciona para o campo relacional

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra.

As considerações que todos os territórios carregam conseguem uma possibilidade de relação, fundamenta a compreensão que o povo de terreiro faz com seu espaço sagrado, com seus guias, com seus cantos. Isso faz parte da memória coletiva do povo do Candomblé, e no

¹¹⁵ SOBRINHO, JOSÉ H. FERREIRA. Cultura popular e as culturas afrodescendentes. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues(Org.). **Negros no Ceará: história, memória e etnicidade**. Fortaleza; Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2009.

¹¹⁶ ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. In: Cultura brasileira e identidade nacional. Brasiliense, 2012

¹¹⁷ FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

terreiro há “encarnação da memória coletiva africana”, que parte da experiência social, com o outro (ORTIZ, 2012, p.13)¹¹⁸.

Com o levantamento dessas discussões sobre racismo, denegação da identidade social, sofrimento causado por espaços educativos formais, o que se propõem nas rodas é o que o povo de terreiro está fazendo na cidade de Juazeiro do Norte para reafirmar seu credo? E como filho/filha ou pai/ mãe de santo quais práticas estão sendo executadas para fortificar a identidade do povo de terreiro dentro da comunidade onde estão constituídos?

O s terreiros como territórios que não são apenas um espaço geograficamente localizados, mas sim possuidores de aspectos culturais que estão indissociáveis da dimensão simbólica, estando imerso na materialidade das relações, essas relações materiais são de instucionais, comunitárias, pessoais (MOKEN et al 2008)¹¹⁹.

Tomando como aporte essa compreensão a “ ideia de território transitaria do político para o cultural, das fronteiras entre povos aos limites do corpo e ao afeto entre as pessoas”. O terreiro dentro de uma comunidade ocupa um papel político de agente transformador, um território onde as demandas sociais também possam ser trabalhadas e solucionadas (LIMA, YASUI, 2014, p.597)¹²⁰.

As formas encontradas por alguns representantes de organizar movimentos que representem as demandas específicas da população negra e dos povos de terreiros, foram por exemplo as caminhadas contra a intolerância religiosa, que são movimentos que estão sendo organizados diretamente pelos povos de terreiros do Candomblé, Umbanda, Quimbanda e vem sendo realizada anualmente em uma das ruas centrais da cidade de Juazeiro do Norte.

Outra medida tomada por um terreiro foi em dias de festividades na casa, deixar as portas do terreiro abertas para que a vizinhança possa verificar a maneira pela qual os rituais são realizados, e com isso buscar desmistificar que dentro desse espaço há rituais demoníacos.

¹¹⁸ ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. In: Cultura brasileira e identidade nacional. Brasiliense, 2012

¹¹⁹ MONKEN, M. et al. O território na saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente. In: CARVALHO, A. et al. (Org.). **Território, ambiente e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

¹²⁰ LIMA, Elizabeth Maria Freire De Araújo; YASUI, Silvio. **Territórios e sentidos**: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. Saúde em Debate, p. 593-606, 2014.

**III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:
Igualdade racial no ambiente escolar**

10 a 13 de maio de 2016

O mesmo terreiro se propôs uma vez por semana tocar o atabaque, que um instrumento típico dos seus rituais na calçada do terreiro.

Através dessas micropolíticas tomadas pelo povo de terreiro que o cenário acerca dos estigmas criados sobre seu credo vem sendo problematizado, não é mais um terreiro de macumba, do ponto de vista pejorativo, mais um espaço produtor de saberes, culturas e afetos. Um território aberto para o diálogo com a comunidade e com os demais credos.

Portanto, as rodas de conversas realizadas em espaços religiosos, que também são educativos, sugerem um direcionamento para compreender a raiz de muitas problemáticas sociais a partir de quem delas vivência, pois o sujeito precisa ser compreendido como detentor de territórios existenciais, e que esses são dinâmicos, assim como suas experiências. Ter acesso a isso só será possível mediante a facilitação do diálogo, para que como ser em trânsito possa se reconhecer como singular e co-responsável pelas mudanças na sua comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BECKER, Michel; Educação de valores no ensino inter-religioso: uma contribuição para a cultura de paz. In: MATOS, S.A.L.; NASCIMENTO, V.S ; JUNIOR, R. N (Orgs); **Cultura de paz: do conhecimento à sabedoria**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

COSTA, Raphael Raniere de Oliveira et al. As rodas de conversas como espaço de cuidado e promoção da saúde mental. **Rev. Bras. Ciên. Saúde/Revista de Atenção à Saúde**, v. 13, n. 43, 2015

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teórica e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

LEBRUN, Jean-Pierre. **A perversão comum**: viver juntos sem outro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LIMA, Elizabeth Maria Freire De Araújo; YASUI, Silvio. **Territórios e sentidos**: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. *Saúde em Debate*, p. 593-606, 2014.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; FRANCO, Jussara Botelho. Aspectos Teóricos e Metodológicos do Círculo de Cultura: Uma Possibilidade Pedagógica e Dialógica em Educação Ambiental. *Rev.: Ambiente & Educação*; v.17.2012.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Cultura em movimento**: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. Grupo Editorial Summus. São Paulo: Selo Negro, 2008.

MONKEN, M. et al. O território na saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente. In: CARVALHO, A. et al. (Org.). **Território, ambiente e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

**III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:
Igualdade racial no ambiente escolar**

10 a 13 de maio de 2016

SANTOS, Cícero Joaquim. Africanidades musealizadas : relato de uma experiência comunitária. Trabalho apresentado: VI Simpósio Nacional de História e Cultura, Escrita da História: Ver, Sentir-Narrar, na Universidade Federal do Piauí, Teresina- PI, 2012.

SOBRINHO, JOSÉ H. FERREIRA. Cultura popular e as culturas afrodescendentes. In: HOLANDA, Cristina Rodrigues(Org.). **Negros no Ceará: história, memória e etnicidade**. Fortaleza; Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2009.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: **Cortez**, v. 2, p. 41-61, 1999.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. In: Cultura brasileira e identidade nacional. Brasiliense, 2012